

QUANDO APARECE O LOBO, PORTANTO QUANDO APARECE O MAL, COMEÇA A LITERATURA: ENTREVISTA A GONÇALO M. TAVARES

[http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p90-99*](http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p90-99)

Por Lilian Jacoto¹

LILIAN JACOTO: Vou partir de uma impressão que trago de observar suas entrevistas e visitas a instituições culturais de Portugal e Brasil. Parece-me que a interação com o seu público é o outro lado da obra, embora ali você esteja absolutamente fora dela, quase como um estranho....

Quando conversa com a plateia, busca conduzir o rumo da conversa para a observação da vida circundante, como se fortalecesse, pela fala, os fios que atam seus textos aos acontecimentos do mundo contemporâneo.

As entrevistas, afinal, acabam por promover uma familiarização do público para com uma literatura que não é familiar nem fácil – no sentido de sua opacidade e de certas marcas que evidenciam as contradições da cultura em que vivemos.

Como se relacionam, em você, o autor que cria estranhamentos e o sujeito empírico que conversa e se familiariza?

* Publicada originalmente na revista *Desassossego*, v. 9, n. 18, dez/2017:

<https://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/10590>

DOI original: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v9i18p146-155>

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

GONÇALO M. TAVARES: Bem, eu preciso de falar de vez em quando com as pessoas, como uma necessidade... esses acontecimentos que vão aparecendo, esses cruzamentos com os leitores são cruzamentos muito raros, apesar de tudo. Provavelmente tenho dois/três encontros por mês com leitores e, portanto, são pequenas ilhas no meio dos meus dias que são normalmente isolados na escrita ou em outras atividades. Eu gosto principalmente de estar disponível para refletir a partir de questões dos leitores, não gosto da ideia do escritor como um performer que vai divertir o público, não gosto nada dessa ideia. Acho que um escritor trabalha para pensar sobre as coisas, para fazer refletir, enfim. E, nesse aspecto, muitas vezes a fala é um meio mais rápido de mexer nas reflexões das pessoas, mexer na cabeça das pessoas, e eu acho que meu trabalho essencial é a escrita, mas a fala para um escritor é quase a consequência natural, digamos, é o mesmo meio, a linguagem, não é a mesma coisa de um realizador ou de um cineasta que trabalha com imagens, ou de um pintor que trabalha com tintas e depois fala. No caso do escritor, a fala trabalha com o material-base que é a linguagem. O que me agrada nessas falas é realmente encontrar algumas coisas precisamente pelo diálogo, que não encontraria pelo monólogo que de alguma maneira é a escrita e, enfim, eu julgo que a minha literatura e o meu pensamento são sempre uma tentativa de, por um lado, simplificar o que aparentemente parece complexo, mas tentar que esse “tornar-se simples” seja um processo de encontrar diferentes pontos de vista, ou seja, se nós encontrarmos os simples por diferentes caminhos de alguma maneira, e criarmos caminhos novos para o simples, estamos a fazer uma tarefa que é, de alguma maneira, também uma tarefa do pensamento.

LJ: Num desses depoimentos que tornam mais transparentes os procedimentos e referências do seu trabalho como autor, você declarou que a obra que mais marcou a sua vida foi *Cartas a Lucílio*, de Sêneca. Tomarei este eixo como vetor da nossa conversa, pois é uma referência que aponta para um *ethos* e uma poética – uma ethopoética que, portanto, ensina a escrever e a viver.

Nos conselhos que dá a Lucílio, Sêneca exercita uma escrita de si, que acaba por consumir um processo autoral. Ora, esse exercício é, a um tempo, ético e estético, e de tal maneira integrado, que a vida, a certa altura, em vez de pautar a escrita, passa a ser pautada por ela.

Como se: eu rememoro o meu dia e, ao colocar um conjunto de ações e pensamentos numa ordem que é a da escrita, dispusesse-me como texto e me constituísse a partir dele.

Uma vez que você nomeia os diversos nichos de sua obra como cadernos, gostaria de saber o que pensa disso, se é que o que acabo de dizer (o que iluminei das Cartas) faz algum sentido no seu processo autoral.

GMT: Bem, *Sêneca* e *Cartas a Lucílio* realmente são, para mim, um livro marcante. Eu diria que o *Sêneca*, todas as cartas a Lucílio se cruzam com a vida, com o viver, a resposta ao “como viver”. Eu diria que o meu trabalho tem mais a ver com o “como entender a vida” que, se calhar, é quase a mesma pergunta: se nós entendermos a vida de uma determinada maneira, vamos vivê-la também como consequência desse entendimento, portanto, entender a vida e vivê-la são, muitas vezes, sinônimos, ou pelo menos entender a vida está muito perto de saber como vivê-la e, portanto, eu acho que toda literatura tem a ver com “como compreender a violência”, “como compreender o medo”, o “desejo”, enfim, questões mais gerais e, portanto, eu diria que minha escrita não tem a ver com diário, com a ideia de diário, ou com a ideia de recapitulação do meu percurso, nem que seja um percurso espiritual ou psicológico. Acho que minha escrita parte de um olhar para fora. É quase como se eu tivesse um pudor de escrever sobre mim, ou um pudor de pensar sobre o que é o medo em mim, o que é o desejo em mim, o que é a tendência para a violência em mim, o que é a tendência para a loucura, para a irracionalidade ou para a lógica. Enfim, eu acho que não escrevo pensando em me entender, acho que escrevo pensando em entender o mundo e as pessoas e a relação entre elas e, por isso, muitas vezes o que estou a escrever não é algo que acompanha o meu percurso de vida, eu não vou estar a escrever sobre a loucura, necessariamente, quando tive algum contacto com o irracional, mas, posto isso, eu diria que tudo que escrevo me ajuda a viver, não tenho dúvidas sobre isso e, portanto, de alguma maneira pode ser visto com uma espécie de diário ficcional, reflexões ficcionais, que, parecendo que estão a olhar para o outro lado, estão, na verdade, muitas vezes, a olhar para o espelho, mas a olhar para um espelho qualquer, estranho.

LJ: Você também já afirmou, em público, que não sabe ler sem o lápis na mão; e não raro relembra a lição de Barthes sobre o “texto-leitura” – “o texto que escrevemos em nossa cabeça quando a levantamos”. A sua obra,

riquíssima em referências, é a prova mais cabal dessa consciência de escrita.

Sobre isso, e voltando à obra de Sêneca, abro a carta 84 e leio o seguinte: “A leitura é de facto, em meu entender, imprescindível: primeiro para me não dar por satisfeito só com as minhas obras, segundo, para, ao informar-me dos problemas investigados pelos outros, poder ajuizar das descobertas já feitas e conjecturar as que ainda há por fazer. A leitura alimenta a inteligência e retempera-a das fadigas do estudo, sem, contudo, pôr de lado o estudo. Não devemos limitarmo-nos nem só à escrita, nem só à leitura: uma diminui-nos as forças, esgota-nos (estou-me referindo ao trabalho da escrita), a outra amolece-nos e embota-nos a energia. Devemos alternar ambas as atividades, equilibrá-las, para que a pena venha a dar forma às ideias coligidas das leituras”. Sobre essa carta, Foucault no ensaio *A escrita de si*, complementa: “Pelo jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve tornar-se possível formar para si próprio uma identidade através da qual se lê uma genealogia inteira”.

Observando não só as vozes que você evoca como homenagem e intertexto (como no caso dos livros do Bairro, por exemplo), mas as que, hipotextos, são chamadas ao laboratório da ficção (como é a relação entre os pensadores evocados no Atlas do corpo e da imaginação e as obras de ficção que você cria, de forma geral), poder-se-ia dizer que a obra de GMT é uma visita guiada a uma grande biblioteca? Ou a um grande labirinto?

GMT: Bem, acho que viver e viver no mundo da arte é realmente um processo interminável e que comunica, são dois processos, digamos, intermináveis e que comunicam entre si. Um processo de recepção e um processo de emissão. Nós estamos constantemente a receber, receber estímulos, seja da realidade, das observações das pessoas, seja da nossa própria vida. Há uma gama de estímulos concretos/materiais, há um conjunto de estímulos culturais (os livros que lemos, os filmes que vemos), e, bem, em termos artísticos, há uma emissão, e é evidente que a qualidade da emissão tende à qualidade da recepção também, isso parece-me evidente. Mas é importante que, de alguma maneira, se nós virmos grandes imagens, lermos grandes livros, teremos possibilidades ou pelo menos estamos a acumular uma espécie de material que pode fazer com que mais tarde a pessoa seja emissora de mais qualidade, melhor qualidade. Mas as coisas não estão necessariamente ligadas, há extraordinários receptores, pessoas que leem maravilhosamente, enfim, que têm um critério

naturalmente, não dirigi-lo, até porque não sei bem o que escrevi, não sei bem qual é a direção daquilo que eu escrevi, eu não tenho nenhuma mensagem concreta no que escrevo. Acho que minha escrita nada tem a ver com o pedagógico, com o explicativo. Minha escrita é pra mim também muitas vezes um pouco enigmática, não sei o que queria dizer com aquilo, e isso a mim basta, ou seja: não há nada de conclusões na escrita. E, talvez, isso tenha uma relação com a questão ética, ou seja, também me parece que para a pergunta “como viver?”, que é a grande pergunta sempre, não tenho uma única resposta, nem tenho sequer muitas respostas se calhar, quer dizer, eu acho que também em termos éticos, talvez o que me caracteriza precisamente é a ideia de que é difícil definir uma ética, e acho que é até perigoso definirmos uma ética única. A ideia de que o correto é fazer desta maneira, é viver desta maneira, se nós definirmos isso a partir daí, transformamo-nos em juízes, em julgadores da vida dos outros, e se há uma coisa que não quero é ser juiz da vida dos outros, portanto acho que a ética e a escrita nesse aspecto talvez estejam ligadas. A ideia de que a ética é um processo, ou seja, é nos tentarmos perceber como viver a cada momento e perceber que é alguma coisa mudada constantemente, e não assumirmos que há uma solução, que há uma mensagem, tanto na escrita como na vida.

LJ: Sim, permita-me esclarecer ou ajustar o uso que estou fazendo desse conceito. Uma ética que tem respostas prontas ou uma ética única já não é ética, é moral... Perguntei sobre a ética justamente porque o leio como um autor que, muito longe de trazer respostas prontas ou soluções nas entrelinhas, ao contrário, nos pergunta, nos provoca constantemente a tomar nossas decisões. As decisões afetivas e racionais que tomamos, através das situações colocadas em sua ficção, não são fáceis, tampouco encontram em qualquer moral um amparo decisivo. Se me faço entender, é precisamente por extrair o drama da cena concreta desconcertante que sua ficção assume um compromisso ético. Na medida em que a realidade concreta, se analisada com atenção, escapa das situações previstas por um código moral.

GMT: Sim, é isso, concordo. A vida escapa às leis, a vida escapa a um código moral, a vida é precisamente aquilo que ainda não aconteceu, quando aquilo que ainda não aconteceu não está definido, pré-programado, não está julgado ainda. O futuro ainda não tem julgamento, ainda não foi julgado,

determinada energia, e elas se cruzam, o que estamos a fazer, de alguma maneira, é quase uma experiência química, é como cruzar partículas, é como juntar o sódio com o cloreto e, depois, surge o cloreto de sódio. Ou seja: o cruzamento entre partículas, entre elementos, humanos neste caso, provoca a criação de novas substâncias. Há dois elementos que se cruzam, uns vão cooperar entres eles, outros vão violentar-se entre eles. Há duas partículas que se cruzam na noite de *Jerusalém* e uma mata a outra, por exemplo. E, portanto, é isso. Acho que isto é muitas vezes um processo científico, mas científico no sentido de ciências sociais e humanas, no sentido das ciências, digamos, duras ou fechadas. É a ideia de estudar o comportamento humano, a psicologia, a psicanálise, sociologia, todas essas ciências que recebem e ganham muito com a literatura, e ganharam ao longo dos séculos. E eu diria que a literatura é um ramo das ciências sociais e humanas e, de alguma maneira, também contribui para dar conhecimento sobre a alma humana, e acho que isso é muito evidente: quando lemos o *Crime e Castigo*, do Dostoievski, é evidente que depois de ler sabemos muito mais sobre a questão da culpa, enfim, sobre a questão do comportamento humano do que sabíamos antes, portanto, aquilo é um tratado de psicologia, também de sociologia, o que é que anda ali à volta de um crime, enfim. Portanto a literatura instala-se, muitas vezes, no campo da filosofia, da ciência e o que me agrada é realmente pensar numa literatura que seja naturalmente, sem forçar artificialmente, portanto, naturalmente seja um mundo que junta várias ciências e áreas distintas.

Licença: 

Concepção e realização da entrevista:

Lilian Jacoto

Professora da área de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo. Doutora e mestra egressa do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Contato: lilianjacoto@usp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8562-4554>